

A Aula-passeio em Geografia: uma vivência com jovens e adultos numa escola pública da Baixada Fluminense

Sergio Vieira da Silva¹

Resumo

O presente artigo é uma reflexão das práticas pedagógicas que estão ocorrendo nas aulas-passeio em geografia nas turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), localizados em uma escola pública do ensino médio no município de São João de Meriti, na região metropolitana do Rio de Janeiro. Ao retornarem para a escola os jovens e adultos depois de um longo período de afastamento, deparam-se com práticas pedagógicas tradicionais, que em muitos olhares, tornam-se pouco atraentes para sua permanência atual na escola. Desta maneira, o ensino de geografia vem desenvolvendo o projeto aula-passeio para fazer com que os alunos permaneçam e concluam seus estudos na educação básica.

Palavras-chave: Geografia; Aula-passeio; Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Abstract:

This article is a reflexion of the pedagogic practices, wich are happening in geography walking classes on the teenagers and adults education located in a public high school of the São João de Meriti municipal government, in the metropolitan region of Rio de Janeiro. Returning for school, the teenagers and adults, after a long time of evasion, they encounter themselves with traditional pedagogic practices, wich in in many opinions, they become unattractive for their actual permanence at school. This way, the geography teaching are developing the walking classes project for the permanence of the students and make them conclude their studies on the basic education.

Word Keys: Geography; Walking classes; Teenagers and adults education.

¹ Professor de Geografia na rede estadual do Rio de Janeiro, na Educação de Jovens e Adultos em São João de Meriti; professor de Geografia do ensino fundamental pela Prefeitura do Rio de Janeiro e na rede particular do município de Duque de Caxias.

1. INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) nas escolas públicas torna-se cada vez mais recorrente nas instituições de ensino. O processo de globalização econômica impôs aos países em desenvolvimento uma busca cada vez maior de formação a jovens e adultos, a EJA vem como uma das maneiras de reparar o triste quadro de abandono educacional.

O fato de nos últimos tempos a geografia do mundo estar em constante transformação econômica e cultural, faz com que na periferia do mundo haja uma movimentação na busca de uma melhor qualidade de vida, até então mais presente nos países centrais. Ainda que a educação não seja salvação para garantir a tão almejada qualidade de vida, passa essencialmente por ela a busca de um desenvolvimento socioeconômico que estabeleça um novo processo de formação escolar, inverso da ordem global estabelecida, permeada por uma educação meramente tecnicista e mercadológica.

Os jovens e adultos que voltam à escola após um longo período afastado, por vários motivos socioeconômicos e culturais, buscam reiniciar sua vida escolar como uma forma de superar as dificuldades econômicas que o sistema político capitalista os impõe ou mesmo recuperar a educação que lhes foi alijada no momento esperado.

No campo da escola percebe-se claramente como este conflito da relação educação e trabalho vem sendo compreendido, como um projeto que busca certificar apenas para atender uma demanda do capital global, ou então, de propor uma educação diletante. No ensino de jovens e adultos esta forma de construção educacional impede a possibilidade de uma construção socioeducacional, fazendo com que ocorra somente uma reprodução do sistema escolar de uma educação bancária (cf. FREIRE, 1996). Ao falarmos de jovens e adultos trabalhadores, é necessário romper com a lógica de uma educação técnica e instrucionista, de transmissão do conhecimento. É primordial iniciar um novo caminho. O caminho não pode ser aquele da velha escola, centrada em uma prática pedagógica em que o aluno é o receptáculo e o professor o transmissor. Nesta perspectiva se faz necessário e vital desenvolver práticas pedagógicas diferenciadas, que despertem no aluno jovem e adulto o interesse e vontade de construir, uma educação que o lança nas teias de uma sociedade excludente e valorize toda sua formação como conhecimento. O professor Paulo Freire chama nossa atenção, quando reflete: “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém (FREIRE, 1996.p.25).” Nessa envolvente reflexão é que se percebe o quanto é essencial na educação de jovens e adultos trabalhadores ou que estejam buscando sua inserção no mundo do trabalho, compreender que

o ato de aprender e ensinar entrelaça-se em uma busca constante na construção de uma educação autônoma e participativa.

Na formação de jovens e adultos em tempos atuais, estamos o tempo todo aprendendo e ensinando, somos sempre tensionados a debater a relação entre teoria e prática, para não repetir as velhas as práticas pedagógicas que só querem impor a lógica do treinamento e da cópia. Não se pode furtar da possibilidade de buscar o novo na EJA, é vital recuperar um tempo perdido na escola para jovens e adultos, retirando-os da apatia sociocultural e do programa instrucionista, lançando-os na direção de um espaço geográfico em que se reconheçam, sem barreiras, ou mesmo muros que os impeçam de avançar no mundo como cidadãos. Garantir os direitos humanos é importante, para romper com este modelo neoliberal de educação salvadora. E isso não virá de graça, nem por concessão, mas desse campo de disputa e de interesses conflitantes, que também é a educação. Paulo Freire chama nossa atenção quando reflete: “A esperança na libertação não significa já, a libertação. É preciso lutar por ela, dentro de condições historicamente favoráveis. Se elas não existem, temos de pelear esperançadamente para criá-las.” (FREIRE, 1995.p.30).

Quem são as forças dominantes do atual estágio de produção capitalista? O que querem aqueles que controlam o mundo do trabalho e toda sua produção? E também podemos questionar, dizendo: o que querem os jovens e adultos das classes populares, quando retornam a escola? Na verdade queremos responder essas e a outras inquietações que venham provocar uma política pública para jovens e adultos na construção de uma relação de troca consciente entre educação e trabalho.

Dentro deste pensamento de construção e da relação, entre ensino-aprendizagem e geografia, é que surgiu a possibilidade de se construir a vivência da “aula – passeio”, como uma proposta prática e dialógica entre o que se ensina e o concreto presente nas relações da sociedade. Os jovens e adultos que retornam a escola, querem recuperar um tempo perdido. Este tempo não pode ser utilizado da forma semelhante daquele que os afastou da escola, mas um tempo que retome seus sonhos de construção real de sua vida. Não será mais um tempo de composição apenas de escolarização, mas na verdade nova possibilidade de ampliação de seu capital cultural. Dessa forma, é essencial orientar e apresentar novas práticas pedagógicas, éticas, pautadas na construção de uma autentica educação cidadã, que tomem o conhecimento como conquista e motivação para avançar na direção de saber autônomo e (co) responsável com a sociedade que temos.

2. A “AULA-PASSEIO” – UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA A PARTIR DE FREINET...

A escola é com certeza é um dos lugares principais para a socialização e na construção do conhecimento na sociedade moderna. Lugar privilegiado para a proposta de “aula-passeio”, desenvolvida pelo professor Célestin Freinet na França no início do século XX. [Freinet](#) motivado por problemas de saúde a desenvolver a aula-passeio com seus alunos, que seriam atividades pedagógicas fora da sala de aula, buscando a criação de um movimento de renovação da escola. Para Freinet: “se o interesse das crianças estava lá fora, por que ficar dentro da classe, lendo trechos de manuais com frases sobre assuntos desinteressantes para elas? Decidiu então levar os alunos para onde eles se sentiam felizes: lá fora.” (SAMPAIO, 2002,p.15).

Observando por esse foco, se percebe o propósito da pedagogia desenvolvida e experimentada por Freinet, que é levar o educando a experimentar o real, o conhecimento a se aventurar e buscar o novo na sua vida. Não é possível uma escola sem movimento, sem se por ao caminhar. É necessário e vital para escola como espaço de formação humana participar arduamente na construção do homem como protagonista de seu tempo. Freinet (SAMPAIO, 2002) acreditava que todos, adultos e crianças, deveriam ter seus direitos garantidos. O respeito ao ser humano, era vital para impor ao mundo uma lógica de harmonia entre o que se aprende e aquilo que se busca. No pensamento da aula-passeio, exercitada por Freinet estava a necessidade em motivar os seus alunos a buscar e construir o seu conhecimento. Se o mundo estava fora da sala de aula, era para lá que ele levava os seus alunos, para romper com as distância e os anacronismos dos manuais escolares, Freinet se interessava pelo mundo e suas descobertas. Ao sair com seus alunos observava tudo que estava em seu redor, olhava os campos, observava o trabalho dos homens pelo local em que passava e fundamentalmente interessava-se pela vida que estava em sua comunidade. Procurava também a maneira de levar para dentro da sala de aula, a vida daqueles que construíam o seu espaço geográfico. Toda proposta de aula-passeio erguia-se na relação “observação e relato do que se vê”. Era o momento de importância da aula-passeio, pois, com seus relatos seus alunos traziam para o interior da sua sala de aula, toda a vivacidade e construção (e imaginação) sobre as histórias dos diferentes indivíduos. Algo que não estaria nos manuais de aprendizagem da época, quer dizer, obtinha-se uma nova leitura sem as pausas ou reflexões diletantes, porque não dizer chatas. Ao passo, que relatando os fatos transcorridos na aula-passeio a leitura obtinha um sabor de conhecimento mais prazeroso.

Freinet buscava inovar e procurava sempre novos caminhos. A relação aluno e professor não eram de chefe e subalternos, mas sim, de troca, na qual a cultura da dominação não deveria fazer parte do processo de aprendizagem. Para [Freinet](#), a relação professor e aluno se modificavam na medida em que a sala de aula era um espaço da construção coletiva, de produção das reflexões entre o real e a sua dimensão na sala de aula. Um dos fatos mais marcantes na vida de professor de Freinet (SAMPAIO, 2002) e da sua relação com seus alunos e quando ele retira de sua cadeira o estrado de professor e passa a sentar-se junto com seus alunos, num gesto concreto de profunda adesão ao conhecimento, que se faz em uma relação de trocas e não meramente em uma reprodução bancária. Fazendo deste gesto uma relação de proximidade, em que o aluno e o professor caminham lado a lado na busca de um saber para todos.

3. AS AULAS-PASSEIO DE GEOGRAFIA NA EJA: UMA VIVÊNCIA NUMA ESOLA PÚBLICA DA BAIXADA FLUMINENSE

Dar protagonismo aos educandos deve ser o encaminhamento de todo educador comprometido com um processo educativo que emancipe os homens e os encaminhem à conquista de sua cidadania. Paulo Freire chama atenção para esse processo quando afirma:

Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética quanto mais fora dela. Estar longe ou pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio a formação moral do educando. Educar é substantivamente formar. (FREIRE: 37)

As reflexões feitas pelo professor tem que ser audaciosas e porque não revolucionárias. Não é possível repetir a velha cartilha, de apenas ensinar e reproduzir aquilo que se quer. É essencial transformar para fazer do processo educativo uma verdadeira mudança de vida, e também uma construção coletiva de uma sociedade mais justa. Nas salas de aulas da Educação de Jovens e Adultos não se pode tolerar mais as práticas pedagógicas de pura reprodução tecnicista. É preciso inverter e instigar o novo, como prática pedagógica à sala de aula. Sair das quatro paredes é essencial, para arrancar as feridas de uma educação repressora, que só reproduziu a ideia do fracasso escolar.

Foi a partir de 2010 que as aulas-passeio² em Geografia passaram a acontecer na EJA de uma escola pública³ de São João de Meriti, como alternativa pedagógica e motivação para permanência dos alunos na escola. Ocorrem saídas com os alunos para o teatro e apresentações musicais e de danças com objetivo de mostrar ao alunado que é possível aprender em interação com o que está ocorrendo no mundo fora da escola.

Num primeiro momento ocorre certo descaso com esta proposta pedagógica, tanto da parte dos alunos como de alguns professores, que caracterizam a proposta apenas como “um passeio”, e não compreendem como um processo de aprendizagem. Os alunos aos poucos vão percebendo e entendendo o sentido dessa proposta de uma construção pedagógica diferente daquilo que eles experimentaram até então, como escola. Claro que com certo grau de desconfiança, pois, até então para eles o ato de aprender está centrado e compreendido, na sala de aula copiando a matéria do quadro, como uma única metodologia de ensino. É um processo lento e sacrificante, entender o conhecimento em atividades culturais, pouco difundidas e associadas na EJA, era o desafio a construir.

No ano de 2010 no segundo semestre em uma das aulas-passeio ao Centro Cultural do Banco do Brasil no centro da cidade do Rio de Janeiro em uma visita a exposição de Tarsilla do Amaral, o grupo de alunos visitante questiona se para aprender não teria que ter aprendido antes na sala de aula, quem foi Tarsilla do Amaral? O que quis a artista com sua obra? E qual sua influencia para a sociedade brasileira? O que se quer de uma aula-passeio? O questionamento, o conflito e porque não dizer a dúvida. Claro no momento em que os alunos iniciam essas reflexões sobre a importância da obra e de sua autora, isso ocorre no meio do salão da exposição e torna-se ali naquele espaço, a interação entre sala de aula e mundo, ou seja, para aprender não existe lugar, basta que ocorra reflexão e vontade na construção do conhecimento. Naquele momento o espaço exposição se transforma em sala de aula, há um misto de saber, se aprende antes de ir à exposição, ou primeiro vai à exposição, para depois na escola compreender todo o processo educativo. O que se quer, com uma aula-passeio? Qual o objetivo de ensinar jovens e adultos, que já passaram por uma metodologia regular de ensino

² As aulas-passeio são financiadas em parte pela escola nas saídas mais distantes com a garantia do transporte e o aluno custeia sua alimentação. Nas saídas para a região metropolitana os alunos custeiam o transporte. Entre as dificuldades existentes, o financiamento por parte dos alunos principalmente aqueles que estão desempregados e sem o recurso do Riocard (Gratuidade no transporte público para alunos). A distancia e o horário, pois em muitos casos os alunos moram em áreas de conflitos urbanos, o que torna perigoso a mudança do seu trajeto e horário.

³ O trabalho relatado no artigo é uma prática das aulas de Geografia na EJA, do CIEP Brizolão José Lins do Rego 175 situado no município de São João de Meriti uma cidade da Baixada Fluminense marcada pela falta de políticas públicas socioeconômicas e culturais, que impedem o desenvolvimento local.

e muito pouco aprendeu, ou quase nada? O que se quer construir no ensino de geografia, com esses alunos? Esses e alguns outros questionamentos vão surgindo ao longo das aulas-passeio, tornando mais desafiador e emblemático o processo de aprendizagem na EJA, a partir dessa proposta de ensino nova na vivência da educação de jovens e adultos.

Vale lembrar, que em determinados momentos da escola ocorreram passeios, ou seja, visitas a certos espaços de cultura, mas sem o objetivo de construir o conhecimento, simplesmente como um mero passeio. Porém, no ano de 2011 ocorre uma aula-passeio para a fazenda Ponte Alta em Barra do Piraí na região sul do estado do Rio de Janeiro, o grupo de alunos participantes vão visitar uma fazenda do período do ciclo do café na economia brasileira. Neste espaço geográfico de formação existe toda uma programação voltada para os alunos do ensino regular, e novamente existe um desafio, a saber, como irão responder os alunos da EJA? Ao iniciar a visita os alunos vão interagindo com o espaço e o conhecimento, com uma animação envolvente, fazendo com que “o guia – um professor de história” relate que foi uma experiência singular e interessante, já que a visita é realizada apenas com alunos do regular ensino fundamental e médio, e turistas que vão apenas conhecer o local, e aquele grupo era diferente havia ali um desejo de aprender, porém eram jovens e adultos estudantes do ensino noturno. Nesta aula-passeio o roteiro de visita é todo realizado pelos alunos incessantemente, percorrendo do circuito pedagógico proposto pela equipe da fazenda.

No ano de 2012, um grupo de alunos que iniciam a nova EJA, ou seja, NEJA (ocorre uma mudança na estrutura de organização do ensino para jovens e adultos na SEDUC RJ, a partir deste ano os alunos da EJA, serão caracterizados como NEJA e distribuídos em quatro módulos de cinco áreas de conhecimento por módulo. A permanência dos alunos da EJA será a partir deste momento de dois anos, e o ensino de Geografia passa a ser de três tempos na primeira fase e três na terceira fase.). Inicia-se uma nova fase, também na construção do projeto aula-passeio em geografia, participando ainda mais, pois, nesta nova fase da EJA a geografia se faz mais presente em dois módulos, com uma maior presença em sala de aula. No início das atividades com essas novas turmas os alunos já estão sabendo do projeto aula-passeio, por meio dos alunos dos anos anteriores que foram terminando seus estudos e relatando os fatos ocorridos nas aulas de geografia. É bom recordar, que as aulas-passeio surgem de uma parceria entre geografia e arte e aos poucos vão surgindo parcerias com outras áreas de conhecimento como: matemática, história e português.

O projeto é uma ação pedagógica das aulas de geografia, que procura interdisciplinar com todas as áreas dispostas a construir juntos um ensino-aprendizagem para os jovens e adultos na perspectiva de sua permanência na escola. É claro, que neste início do primeiro semestre de 2012 existe-se certa preocupação de como será essa nova fase da EJA. Uma das estratégias pedagógicas utilizadas é o de fazermos um projeto pedagógico interdisciplinar discutindo “Escola e Cultura”, ora tudo pronto para o movimento da aula-passeio. Os alunos iniciam seu processo de formação escolar debatendo e discutindo a sua vida social e toda sua vivencia cultural. Surge uma primeira oportunidade de aula-passeio, uma ida a um espetáculo teatral na lona cultural Jovelina Pérola Negra, no bairro da Pavuna na cidade do Rio de Janeiro. Ao irmos ao espetáculo vamos observando que esses alunos em sua grande maioria não frequentava equipamentos culturais e nem tão pouco fazia parte de sua vida sociocultural ir ao teatro. Foi muito bom, os alunos gostaram e iniciam o paladar pelo gosto de frequentar espaços de cultura. As fotografias abaixo apresentam o que foi esse primeiro momento com essa turma:



Figura 1. Conjunto de duas imagens apresentando a aula-passeio no projeto “Escola e Cultura”. Março de 2012.



No envolvimento desse projeto vão surgindo ideias e construções do pensar e fazer pedagógico na escola. Neste primeiro momento proponho ao grupo de alunos em fazermos um vídeo com o título: Histórias de Vida da EJA, onde os alunos registrassem seus objetivos e interesses no seu retorno a escola. Os alunos vão participando e elaborando o vídeo, possibilitando uma forte ligação entre alunos e professor que vai possibilitar novos caminhos a percorrer. Outro marco importante ainda neste primeiro semestre foi a culminância do projeto, na qual os alunos protagonizaram a elaboração de apresentação dos seus olhares para a cultura e potencializam na prática tudo aquilo que estão construindo como conhecimento. As fotografias abaixo apresentam esse momento:



Figura 2. Conjunto culminância do projeto “Escola e Cultura” Junho de 2012. Na quadra do Ciep Jose Lins do Rego.



Figura 3. Culminância do projeto: Escola e Cultura, junho de 20102.

A proposta vai se desenvolvendo até uma aula-passeio à cidade imperial de Petrópolis. Por que Petrópolis? Pelo fato da grande maioria dos alunos não ter visitado esta cidade tão próxima do município de São João de Meriti e também pelo fato de no mês de julho ocorrer uma festa da cultura germânica, instigou a ampliação do projeto escola e cultura, dentro da possibilidade do conhecimento de uma cultura tão diferente do nosso mundo de Baixada Fluminense. Durante essa aula-passeio em Petrópolis realizamos alguns momentos bem atrativos e educativos, como a parada no Mirante da Serra de Petrópolis para observação da paisagem natural de mata Atlântica e também olharmos o avanço da urbanização sobre a região metropolitana do Rio de Janeiro. As fotografias a seguir apresentam esses momentos vivenciados nessa aula-passeio:



Figura 4: Conjunto de duas imagens de alunos da EJA em aula-passeio na Serra de Petrópolis, Julho 2012.

Esta aula-passeio à cidade de Petrópolis foi com certeza uma ruptura com a velha metodologia de ensinar apenas para cumprir os conteúdos. Iniciamos com esse grupo uma

leitura e interpretação de mundo e escola, percebendo que é necessário fazer o caminho do ir e vim para compreender as transformações geográficas estão ocorrendo em sua volta, e também ir aos poucos absorvendo a cultura dos lugares e percebendo de que também eles, os alunos tem que beber desta fonte onde jorra cultura na formação do cidadão.

O bom de ver é que esses alunos vão compreendendo e assumindo a aula-passeio como seu espaço de formação educacional. É importante salientar que neste processo de formação dos alunos, ocorreram diversas atividades socioeducativas na própria escola que foram criando condições pedagógicas para que os alunos fossem se familiarizando com estas novas praticas pedagógicas, até então desconhecidas a este grupo de alunos. O gratificante de momentos como esses é que a riqueza cultural e o envolvimento pedagógico são tão fortes, que os alunos iniciam todo um movimento de querer mais aula-passeio como maneira de justificar o processo de sua formação escolar. É poder garantir o agradável que é o ato de passear com o conhecimento que é o ato de aprender. Segue abaixo um conjunto de seis fotografias que expressam a alegria e a certeza do caminho que está sendo construído:



Figura 5: Conjunto de três fotografias “Aula-passeio a Petrópolis” Julho de 2013.



Figura 6: Conjunto de duas fotografias: Aula-passeio em Petrópolis.



Figura 7: Aula-passeio em Petrópolis, Julho 2013.

No ano de 2014 esse grupo de alunos da EJA, vivencia mais uma etapa de sua formação no caminho a conquista de um novo tempo em suas vidas. O projeto pedagógico da escola escolhe como tema: “Os cinquenta anos do golpe civil militar no Brasil”, o projeto quer resgatar com esses alunos o que representou o golpe de 1964 para a construção da nação brasileira. Os alunos são motivados a estudar o período por meio de pesquisas, palestras, filmes e visitas a exposição no Centro cultural do Banco do Brasil, Armazém cultural e centro histórico da cidade do Rio de Janeiro. Os alunos vão pesquisando e confrontando o período do golpe militar com suas histórias de vidas. Outro dos momentos marcantes foi das aulas-passeio as exposições no centro cultural do Banco do Brasil e ao Armazém cultural, em que os alunos puderam respirar o que foi a truculência deste período e também de como esse momento da geopolítica interferiu diretamente no respeito à liberdade de expressão. As fotografias apresentam esse momento rico das aulas passeio:



Figura 8: Conjunto de duas fotografias das aulas-passeio ao Armazém Cultural Março de 2014.



Figura 9: Conjunto de duas fotografias: aula-passeio no centro histórico do Rio de Janeiro e visita ao Centro Cultural do Banco do Brasil, Março de 2014.

Toda essa movimentação mobilizou os alunos em também na escola organizar uma exposição intitulada: “Golpe civil-militar cinquenta anos”, as fotografias abaixo expressam como os alunos fizeram das suas aulas-passeio e aulas-debate uma exposição na escola:

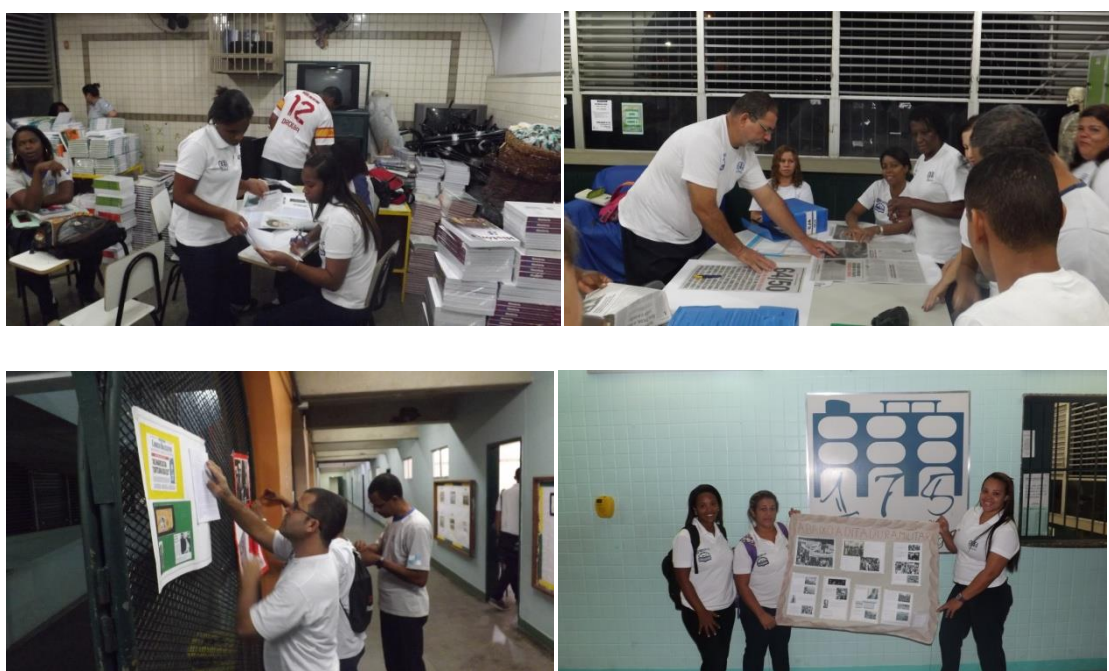




Figura 10: Conjunto de seis fotografias: Organização e montagem da exposição na escola. Julho de 2014.

As aulas-passeio tornaram-se um gás na motivação desses jovens e adultos estudantes para assumirem o protagonismo na construção do seu conhecimento. O caminho que se faz no ir e vir do conhecimento são o que motiva e garante a esses alunos, e a outros que estão chegando ter um forte vínculo com a escola. Tudo fica mais transparente para o jovem e adulto estudante da EJA, quando ele percebe e entende que o processo de aprendizagem não é mais o de copiar e decorar, mas agora é o de interagir e construir, dessa forma pensando e agindo no espaço em que ele se encontra. A educação de Jovens e adultos é a possibilidade real para a grande maioria desses estudantes de novamente serem inseridos no mundo da escola e poder fazer o caminho de uma vida trilhada no conhecimento.

Já a partir do ano de 2014 no segundo semestre ocorre um projeto que consolida o do primeiro semestre, intitulado de: “Brasil e sua Democracia”, novamente os jovens e adultos constroem todo o seu conhecimento nas reflexões a cerca do momento geopolítico brasileiro na construção da Democracia pós-golpe civil militar. Durante esse processo do projeto as turmas são divididas em uma proposta pedagógica que consiste em apresentar uma reflexão a cerca de como está caminhando a democracia brasileira, seja no campo da educação, dos direitos sociais entre outros. Os alunos arregaçam a manga da camiseta e se põem a construir trabalhos na forma de reflexões via oficinas. Toda a construção é fruto de uma relação dialógica entre aquilo que se vê e as reflexões feitas em sala de aula. Desta maneira torna-se evidente a proposta aula-passeio que transporta os alunos até um mundo muito difícil de ele acompanhar e se relacionar com a sala de aula na troca das experiências vividas. As fotografias abaixo apresentam momentos vivenciados na exposição de trabalhos:



Figura 11: Conjunto de duas fotografias: Trabalhos apresentados no segundo semestre de 2014, sobre a democracia brasileira na atualidade, no Ciep José Lins do Rego.

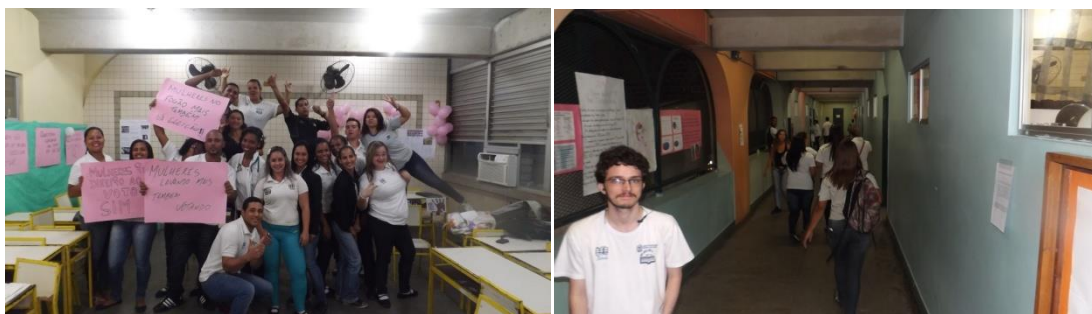


Figura 12: Conjunto de duas fotografias: Alunos apresentando trabalhos e no corredor da escola para visitar as salas.



Figura 13: Conjunto de duas fotografias: Professores em frente a uma das salas de aula, e debate sobre a atualidade brasileira.

4. O QUE PENSAM ALUNOS E PROFESSORES SOBRE O PROJETO AULA-PASSEIO...

A construção pedagógica do projeto aula-passeio é uma ação política e uma proposta de educação para emancipar os jovens e adultos estudantes, a busca de sua emancipação educacional. A escola deve proporcionar aos alunos a oportunidade de se desenvolverem, e pensar de como atuar no espaço geográfico em que vivem. Uma pergunta vem permeando todo o trabalho desenvolvido durante as aulas-passeio: Qual a importância da aula-passeio no

processo de formação dos jovens e adultos? Alguns alunos e professores da EJA responderam a essa questão da seguinte maneira⁴:

Aluno A – “É outro mundo... as pessoas vêm para a escola é só copiar, e pronto. Na aula-passeio somos levados a conhecer a realidade e com isso, construir o conhecimento.”

Aluno B – “Foi uma experiência boa, única. Por exemplo, nunca tinha ido ao teatro municipal foi a primeira vez, lindo e deslumbrante. se não tivesse entrado na escola de novo, não teria chance de conhecer.”

Aluno C – “Prá gente sair da própria casa, se não fosse a escola... Só o dever não é cultura, precisa ter conhecimento. E as aulas-passeio apresentam isso pra gente.”

Aluno D – “Naquela aula-passeio no centro histórico no Rio de Janeiro aprendi muito. Já passei por aqueles lugares várias vezes, mas nunca com o olhar do conhecimento.”

Aluno E – “É uma modernidade, aula diferente. Mais conhecimento, mais visão das coisas. Só escrevendo há gente não aprende, depois dialogando cada um tem uma visão diferente.”

Aluno F – “Anima mais o aluno, a gente se sente mais a vontade passa a conhecer mais.”

Aluno G – “Tem gente que vive em um mundo muito fechado, quando saí da sala de aula passa a conhecer melhor.”

Aluno H – “Quando a gente casa tem marido e filho, fica parada. Quando a gente vem para uma sala de aula e tem diversidade, reuniões, palestras, aula-passeio, saímos da coisa básica.”

Aluno I – “Quando comecei a ver a aula-passeio não entendi bem. Perguntei ao professor: você também ensina assim com os alunos da manhã? Aos poucos fui percebendo o desafio que é a aula-passeio.”

Aluno J – “Gostei muito!”

Aluno L – “A gente sabe que existi muito trabalho. A escola ajuda a conhecer um Teatro, abre a nossa cabeça a ver que o mundo é muito mais.”

Aluno M – “Achei legal. Atualizei-me. modernização da mão de obra.”

Aluno N – “Você associa o modo convencional com a aula-passeio, isso acrescenta o teu conhecimento e abre mais a sua visão de mundo.”

Aluno O – “Foi importante para nós conhecermos melhor a sociedade que vivemos.”

⁴ Os relatos foram escritos procurando-se respeitar a oralidade dos participantes.

Aluno P – “Um meio de aprendizado diferente. Aprender com os outros, saber o que as pessoas fazem lá fora. Que podemos tirar proveito disso e levar para a vida.”

Aluno Q – “Estou feliz em ter participado desse evento. As aulas-passeio foram simplesmente demais para mim. Trouxeram um conhecimento com o que eu já tinha, abriu ainda mais a minha mente para muitas coisas, aprendi muito. Eu acho que a aula-passeio deveria fazer parte de todo currículo escolar, porque ela tira o aluno da mesmice, rotina, professor, quadro, caderno, anotação... Abri novos horizontes, perspectivas novas, tudo de bom que você possa imaginar.”

Aluno R – “Quanto às aulas-passeio foi muito interessante. Porque você esteve no local, quando aquele fato ocorreu ali e você pode confirmar o que foi. Aquele lugar é especial, é seu é o seu país.”

Aluno S – “A Aula-passeio é importante, onde a nossa mente fica mais aberta. A gente saiu daquelas quatro paredes, daquele negócio de você olhar para o quadro e copiar. E você começa a conhecer melhor, abrir a sua mente. A ter um conhecimento mais amplo que as aulas convencionais nos trazem, mais a aula-passeio nos trazem muito mais, faz com que nós pensamos, avaliamos e tenhamos mais disposição para ir atrás do nosso objetivo, a aula-passeio faz isso.”

Professor N – “A educação integral tem que trabalhar no âmbito escolar com os vários saberes. Tem que se apropriar do mundo, garantir mais saberes aqueles que não têm acesso. O aluno jovem e adulto trabalhador necessita ter contato com esse universo que ele não conhece, para a partir daí, ir ampliando sua visão de mundo e construir o seu conhecimento creio que as aulas-passeio estejam caminhando nesse sentido. No início do seu processo de organização ocorreu alguns pequenos problemas, como o pouco incentivo e obrigatoriedade do aluno a ir no local da visita, o que tornava solto o processo, e fazia com que alguns alunos dissessem não vi e não quero saber. É essencial criar motivações, levar os alunos a um maior compromisso, levar uma grande quantidade de alunos possível para depois avaliar.”

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo não está acabado está em construção. Até onde caminhamos percebemos avanços e conquistas importantes na formação dos jovens e adultos da EJA. As reflexões propostas neste texto são demarcadas no intuito de contribuir para o debate de um ensino de Geografia mais participativo e envolvente, que percorra os meandros de uma educação autônoma e ao mesmo tempo coletiva e colaborativa.

Nesse caminhar é possível observar, a partir dos relatos feitos pelos alunos ao avaliarem as aulas-passeios, o quanto essa experiência tem sido uma ação pedagógica marcante para suas vidas nesse retorno à escola, (re) inaugurando um novo momento na construção dos seus conhecimentos.

6. REFERÊNCIAS

CÉLESTIN, Freinet. *Uma Escola do Povo*. 2ª Ed.- São Paulo: editora Martins Fontes, 2001.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo, editora Paz e Terra, 1996.

_____. *À Sombra desta Mangueira*. São Paulo. Editora Olho d'água, 1995.

MÉZAROS, István. *A educação para além do Capital*. São Paulo, editora Boitempo, 2008.

OLIVEIRA, Ramom de. *Agências multinacionais e a educação profissional brasileira*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2006.

RUMMERT, Sônia Maria. *Gramsci, trabalho e educação: jovens e adultos pouco escolarizados no Brasil atual*. Cadernos Sísifo 4 (57 -82). Educa Unidade de I&D de ciências da Educação, 2007.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker. *FREINET Evolução histórica e atualidades*. Editora Scipione, São Paulo, 2002.